

CASTELAO E A LINGUA GALEGO-PORTUGUESA (1)

JOSE LUIS FONTENLA RODRIGUEZ
Presidente das Irmandades da Fala

Introdução

Vamos tentar nesta comunicação o defrontar a problemática da língua galegoportuguesa em Castelão, nomeadamente no seu livro *Sempre em Galiza*, e na carta Sanches Albornos de que dava conta *Grial* em seu dia e em reprodução Valentim Paz Andrade em seu *Castelão na luz e na sombra*.

Verificar-se-á como para Castelão, que bebeu sem dúvida nas fontes das "Irmandades da Fala" e dos pensamentos clarividentes do prof. João Vicente Viqueira e Vilar Ponte, a língua galegoportuguesa constituía a essência da Nacionalidade galaica e era, no futuro, o suporte dum projecto político de carácter iberista, em que a reintegração da Galiza ao espaço lusofono não tinha dúvidas, não só face ao espanhol e a aculturação que esta língua representava para a Galiza, senão também como reconstituição da antiga Galecia e da essência, inclusive, de Portugal. Estas ideias de Castelão procediam, sem dúvida, das "Irmandades da Fala" e também de Pondal, que soube exprimir poeticamente os desejos de toda uma geração que se alargou até os nossos dias, apesar da interrupção da guerra civil.

Castelão não chegou a debruçar-se sobre o problema da unificação ortográfica lusobrasileira, mas sim insinuou a unificação lusogalaica, entre outras cousas porque os processos de unificação de brasileiro e português de 1945 já não pudo ser vivido de perto polo ilustre vulto galego, expulsado do país pola força das circunstancias e residente no exílio argentino; o melhor que pudo encontrar após a guerra.

A tese que mantemos é que Castelão hoje seria o que chamam alguns pejorativamente e infundadamente "um lusista" e que desde a existência do Acordo da Ortografia Simplificada do Rio de Janeiro seria "um unionista" ou unificador. Isto não é uma hipótese sem base, nascida de um abstração e do acaso, se não que tem fundamento nas próprias palavras de Castelão, como veremos ao seguir. Analisaremos, pois, o pensamento de Castelão sobre a língua galegoportuguesa, ou melhor dito, sobre o Sistema Linguístico Comum que hoje se considera tem os diassistemas galego, português e brasileiro como realizações

(1) O texto vai redigido na norma unificada ortográfica definida no novo Acordo Ortográfico do Rio de Janeiro (N. do A.).

historicas que, embora com suas características específicas, mantêm uma profunda unidade estrutural, tanto num sentido diacronico quanto sincronico.

Veremos o que pensava sobre o futuro da nossa lingua comunitaria e tambem, em função dessa lingua, como articulava um projecto iberista e europeu que ainda hoje tem sua razão de ser, quando Portugal perdeu sua colonias -hoje felizmente países soberanos- e a Peninsula Iberica se encontra com o repto da integração já nas instituições europeias.

1. A lingua galeoportuguesa em Castelão

Castelão no seu livro *Sempre em Galiza* afirma: "O galego -dim alguns intelectuais castelhanos- é uma lingua rustica. Imos supor que não é mais que isso; mas ninguem pode negar que ainda existe. Esse regozijo dos intelectuais castelhanos, e a sua condolencia fingida -que quer ser postuma- estaria no seu ponto se Galiza falasse castelhano; mas ainda fala galego, embora não saiba escrevê-lo e embora lhe custe trabalho lê-lo. Qualquer pessoa pode perceber que a lingua da meseta não se impus pola força da sua cultura, apesar de quatro seculos de imperialismo castelhano e da obrigatoria aprendizagem do idioma do Estado, pois os Galegos preferimos a nossa "lingua rustica" à que nos impõem. Não há duvida de que a Galiza conserva seu idioma porque como nenhum outro pode exprimir melhor as suas ideias e seus sentimentos, é dizer, sua cultura; polo tanto não há para que falar da superioridade cultural de Castela, a não ser, que se ignore o valor da palavra "cultura". Castela logrou assimilar Leão e Asturias -ponho por caso- como antano o latim assimilou a lingua que se falava na Galiza, da que só poderão encontrar-se restos nas topinimias; mas falar de assimilação da Galiza e cantar-lhe o responso à nossa fala é uma vaidade propria dos castelhanos. A verdade está justamente no contrario do que asseguram ao "catedraticos de secano", pois a Galiza segue a falar galego porque tem uma cultura mais forte do que a dos castelhanos. O facto de que o galego chegar a ser -como eles dim- uma "lingua rustica" é um delito que se lhe pode atribuir à hegemonia politica de Castela, que o desterrou das escolas e das solenidades cidadãs; mas felizmente a *nossa lingua está viva e floresce em Portugal* (2), falam-na mais de sessenta milhões (*hoje perto de 190*) (3) de seres que, hoje por hoje, ainda vivem fora do imperialismo do espanhol. Podem os Estados Unidos da America -citemos este exemplo- rebaixar o castelhano do Porto Rico à triste categoria de "lingua rustica" porque isto é facil com só ensinar o inglês nas escolas; mas do imperialismo "yankee" protestam os intelectuais espanhois" (SEG, 1940, pp. 240-24, Edição de 1944 e edição castelhana de 1961).

Vemos, com efeito, que Castelão manifesta claramente o que hoje chamariam alguns como "tendencia lusista", é dizer, que o diassistema galego faz parte do Sistema Linguistico Comum, à par dos diassistemas Português e

(2) O sublinhado é nosso (N. do A.).

(3) O sublinhado é nosso (N. do A.).

Brasileiro, que vêm de ser unificados ortograficamente no Rio de Janeiro em Maio passado.

Castelão afirma de maneira clara e contundente "felizmente a nossa lingua floresce em Portugal", lema que foi escolhido pela Comissão Lusogalaica comemorativa do nascimento de Castelão, à que me honro em pertencer, para comemorar o centenario do nascimento de Castelão em Portugal e na Galiza. Com esse lema foram inaugurados monumentos a Castelão em Viana do Castelo, Braga, Vila Nova de Cerveira, Arcos de Val-de-vez e proximamente em Soutomaior e Melgaço. Nalguns locais o pensamento de Castelão está acompanhado do pensamento de Fernando Pessoa, Antonio Ferreira, portugueses, e do galego Vilar Ponte, em conjugação simbolica que faz ressurgir da escuridade dos tempos o genio da lingua da antiga Galecia.

Mas, Castelão não tinha duvidas sobre o Galego e sua consideração dentro da Romanística como uma lingua originaria, que gerou outras variantes ou realizações do Sistema Linguístico comum e assim como redargue contra o imperialismo do castelhano, chega a dizer tambem no *Sempre em Galiza* claramente: "Tem a Galiza um idioma proprio? Estamos fartos de saber que o Povo Galego fala um idioma proprio, filho do Latim, irmão do Castelhana e pai do Português. Idioma apto e apropriado para ser veiculo de uma cultura moderna e com a qual ainda nos podemos comunicar com mais de sessenta milhões (*hoje 190*) (4) de almas. O Galego é um idioma extenso e util porque -com pequenas variantes- fala-se no Brasil, em Portugal e nas colonias portuguesas (*hoje felizmente países soberanos*) (5). O Galego ressurgiu no seculo passado com Poetas tão egregios como Rosalia, Curros e Pondal (41, 42 SEG, *op. cit.*).

Castelão ainda disse no *Sempre em Galiza*: "Nehum galego culto deve consentir que a lingua do seu Povo -uma lingua de principes que ainda é senhora em Portugal e no Brasil (hoje felizmente oficial em países africanos como Angola, Cabo Verde, Guine Bissau, Moçambique e São Tome e Principe, alem de cooficial na Galiza) (6)- seja escrava no patrio lar, sem direito a ir à escola nem apresentar-se como igual ao Castelhana" (285, SEG, *op. cit.*).

Castelão advoga, pois, por um estatuto de igualdade juridica entre o Galego e o Castelhana; as duas, linguas oficiais na Galiza, segundo o Estatuto de Autonomia e a Constituição espanhola, embora a recente Sentença do Tribunal Constitucional espanhol tente reduzir a importancia da nossa lingua no ambito das quatro provincias em que a Nacionalidade galega foi coutada por D. Javier de Burgos em 1933. Mas o fenomeno linguístico vai alem das fronteiras administrativas e hoje por hoje a lingua originaria estende-se alem fronteiras polo Norte de Portugal, Samora e as Asturias; goste ou não aos politicos conservadores ouvir esta afirmação que corresponde a um factor real que a linguística tem demonstrado em trabalhos de campo e nos estudos de documentos

(4) O sublinhado é nosso (N. do A.).

(5) O sublinhado é nosso (N. do A.).

(6) O esclarecimento entre parenteses é nosso (N. do A.).

galaicoportugueses, de maneira que não se pode dizer que não haja nenhum fenómeno linguístico que não seja à vez galaico e português ou viceversa.

E o nosso autor ainda esclarece, apoiando-se em Feijo e Sarmento, na mesma obra *Sempre em Galiza*: "O mesmo P. Feijo demonstrou que a língua galega não é diferente da portuguesa por serem pouquíssimas as vozes em que discrepam uma língua da outra; mas não há dúvida de que o afastamento político fez declinar o romance originário em duas formas dialectais que se prestam a falsas interpretações" (288, *ibid.*, *op. cit.*). E ainda disse "Em verdade o português é o ramo mais viçoso e fecundo; mas a língua que falo o Povo Galego é o mesmo tronco da árvore" (*ibid.*).

Isto que é aceite na Linguística e na Romanística atual é recusado pelos castelhanistas ou "separatistas", que intentaram impor ao diassistema galego uma ortografia claramente castelhanizante, em virtude do Decreto que promulgou o Governo Galego em seu dia, sendo Ministro de Cultura "adjunto à presidência" (sic) o prof. Filgueira Valverde. Veremos como os processos de uniformização ortográfica dos países lusofonos, a que Galiza pertence por direito próprio, têm feito caminhar as cousas de melhor maneira e desde logo mais democrática, além de consoante com as ciências da linguagem e a romanística. Só é que na Galiza se impôs a ortografia castelhana para a língua galega por Decreto! em contra da opinião dos especialistas na matéria e de romanistas e linguistas como Rodrigues Lapa, Coromines, Michelena, Alarcos, Diego Catalan, Celso Cunha, Lindley Cintra, Mira Mateus, Malaca Casteleiro, Fernando Cristovão, Antonio Houaiss, Coseriu, etc. etc.

Castelão é consciente de que a separação política e as fronteiras eliminaram a continuidade do contacto linguístico entre as variantes do português continental europeu, conhecido como galaicoportuguês e que: "O território galego segue dividido politicamente pela fronteira que separa a Portugal da Espanha, embora não se lograsse a castelhanização da Galiza e nas terras portuguesas encontremos, até ao Mondego, o espírito originário da nossa comunidade nacional" (225, *op. cit.*).

Castelão manifesta "manter a esperança de que algum dia os Galegos e os Portugueses volvamos a falar e cantar no mesmo idioma" (225, *ibid.*): "O rio Sil passava pelo Monte Furado, mas um dia derrubou-se o tunel e as águas buscaram o seu velho canal e hoje o Sil vai por onde devia ir. Assim também é certo que a Galiza e Portugal se juntarão algum dia" (*ibid.*).

E Castelão ainda vai dizer, numa carta dirigida a Sanches Albornoz no ano 1944: "Eu desejo que na Galiza se fale tão bem o Galego como o Castelhanos, e o Castelhanos tão bem como o Galego. Desejo, ademais, que o Galego se acerque e confunda com o português, de modo que tivéssemos assim dous idiomas extensos e uteis" (7).

As citações foram longas, mas acho que valia a pena "testemunhar" com palavras de Castelão neste Congresso dedicado à sua memória, a estudar sua vida

(7) Cfr. Paz Andrade, V., *Castelão na luz e na sombra*, O Castro, 1982.

e sua obra, e que não passasse desapercibido que o grande vulto do nacionalismo federalista galaico tinha as ideias muito claras sobre a nossa língua.

Castelão, na nossa opinião, faz uma avaliação muito esclarecedora do problema linguístico da Galiza, a partir de dados históricos e de uma ideologia nascida das "Irmandades da Fala" e de seus vultos principais, como Viqueira e Vilar Ponte, que têm propugnado a reintegração linguística galaicoportuguesa de maneira muito clara e contundente. Assim Viqueira tinha dito "O Português é um filho do Galego e entre os dous não há mais capitalmente que diferenças fonéticas que não são tão grandes quiza como as que existem entre o andaluz e o castelhano. Se nós empregamos a ortografia histórica galaicoportuguesa teremos salvado a dificuldade que separa as duas línguas e daremos ao Galego um caráter mais universal, fazendo-o mais acessível ao maior número de homens. Foi um mal da Literatura Galega isolar-se mediante a sua ortografia. Escrita com ortografia portuguesa houvera corrido mais facilmente o mundo e isto teria influído na vitalidade do nosso idioma e do nosso povo, pois ambos vão intimamente unidos" "O Galego não sendo uma língua irmã do português senão uma forma do português (como o andaluz do castelhano) tem-se que escrever pois como o português. Viver no seu seio é viver no mundo; é viver sendo nós mesmos" (*Ensaíos e Poesias*, 175, 180).

Vilar Ponte, como Viqueira, a quem sem dúvida teria acompanhado no seu pensamento e nos seus escritos Castelão, mantém também que ambos diassistemas constituem uma só língua. Para Vilar Ponte o português é "o Galego nacionalizado e modernizado" e chega a dizer "Ou é que ainda há quem, possuindo alguma cultura, pense que o nosso idioma vernáculo e o idioma de Portugal não são todo um e o mesmo, com idêntica sintaxe e idêntico léxico, salvo pequenas diferenças de morfologia, ortográficas e prosódicas, tão fáceis de subsanar (se não se querem unificar à custa dum pequeno esforço) e salvo galicismos e americanismos que abundam na fala dos irmãos de além Minho" (*Pensamento e sementeira*, Buenos Aires, 1971, 211, 345, 346).

E ainda esclarece Vilar Ponte "Entre o galego e o português de hoje não há mais diferenças que as existentes entre o castelhano de Castela e o de Andaluzia e América; e a sua unificação é tão fácil, senão mais, que a realizada por flamengos e holandeses com o idioma comum que somente se diferenciava na ortografia e nalguns giros prosódicos. Quando se vão dar as normas precisas para intentá-la pouco a pouco? Puderam ser chamados nunca a uma missão de maior transcendência no terreno da própria cultura, da cultura autóctone, a Academia Galega e o Seminário de Estudos Galegos? Esse é o caminho recto -o nosso Viqueira propugnava tenazmente- não para localizar e capituldiminuir o nosso génio, senão para universalizá-lo" (*ibid.*, 346).

E as "Irmandades da Fala" no *Vocabulario Castellano-Galego* de Salvador L. Mosteiro também tinham afirmado: "Relativamente à ortografia, bastante anárquica ainda na Galiza... numerosas observações poderíamos fazer; mas só uma exteriorizaremos agora: a de que todos estamos obrigados a trabalhar para que, num próximo futuro, se chegue à unificação, o mais completa possível na ortografia galega por parte dos nossos escritores, até conseguir incluso

identificá-la com a portuguesa na maioria dos casos, toda vez que se trata, ao fim e ao cabo, de uma só língua; pois, se na pronúncia por inflexível lei humana, tem que haver diferenças naturais em idioma tão espalhado pelas cinco partes do mundo, nas normas ortográficas devem desaparecer quase totalmente. Não consideramos difícil, se o desejarmos, chegar a um acordo nisto, que seria de imenso valor" (*Vocabulario Castellano Gallego* de las "Irmandades da Fala", Moret, 1933).

O nosso autor, portanto, não seguia senão uma tradição que depois há de ser acolhida em toda a Romanística até o nosso tempo, mas que o Governo Galego, pelo Decreto citado, e influido pelo chamado "Instituto de la Lengua Gallega", que influiu por sua vez sobre a Academia Galega, não teve inconveniente em recusar, embora o Ministro "adjunto à Presidência" fosse um professor de Literatura e Língua Espanhola, formado nessa tradição romanística ou ao menos não desconhecedor dela.

Castelão, pois, defende a unidade estrutural da língua galaicolusobrasileira e africana de expressão portuguesa quando cita à Galiza, Portugal, Brasil e as excolônias portuguesa em África; considera que o Português e o Galego são "duas línguas" que devem ser unificadas e mesmo que essa unificação permite a reintegração da antiga comunidade nacional originária. Castelão hoje seria um partidário ardente da unificação ortográfica que se vem de fazer no Rio de Janeiro em Maio passado, com intervenção de todos los países lusofonos, Galiza incluída com estatuto de observador que de alguma maneira rompeu graças à gentileza dos parceiros do "Encontro da Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa", que receberam os documentos de adesão da Delegação da Galiza ao Encontro, que se adjuntam a esta comunicação, assim como aprovaram uma Moção de agradecimento pela presença da Galiza no Encontro, que teve honras como qualquer outro país soberano concorrente, intervindo, quando for necessário, nas Bases da Ortografia Simplificada que se adjuntam.

2. A unificação ortográfica do Encontro do Rio de Janeiro, a língua galegoportuguesa e Castelão

Como vimos de citar, para Castelão: "O Galego é um idioma extenso e útil porque -com pequenas variantes- fala-se no Brasil, Portugal e nas colônias portuguesas (hoje felizmente países africanos livres de língua oficial portuguesa)" e seu desejo era, como lhe disse a Sanchez Albornoz, que o Galego e o Português se confundam, se unifiquem.

De certo que Castelão ficaria contente e muito gostoso, como dizem no Brasil, de verificar que as suas opiniões iam ser aceites no "Encontro da Unificação Ortográfica da Língua" celebrado de 6 a 12 de Maio passado no Rio de Janeiro, Encontro ao que teve a honra de assistir representando à Galiza, com os professores Estraviz e Figueroa, em nome de uma "Comissão" que preside o prof. Guerra Da Cal, com os académicos Valentim Paz Andrade e Genaro

Marinhas del Valhe, e que integram professores e intelectuais da Galiza, com diversas entidades culturais linguisticopedagógicas, de caráter lusogalaico.

Na Academia Brasileira de Letras, em várias sessões de trabalho, com intervenção da Galiza, Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tome e Príncipe e a entidade União Latina de Paris, chegou-se à unificação ortográfica das variantes que citava Castelão, de maneira que hoje podemos dizer que a partir da data de 1988, que a fixa no Protocolo do Encontro de Unificação da Língua do Rio de Janeiro, teremos uma só ortografia para uma só língua em todo o espaço galaicolusofono, o que significa nada menos que a consolidação da segunda língua romanica mais importante do mundo como língua internacional/tracontinental de cultura.

Isto vai ter importantes repercussões no mundo da diplomacia, da informática, da editoriação, do relacionamento comercial e da fixação, nos espaços culturais correspondentes, da nossa língua comunitaria, hoje língua oficial da CEE, OUA (Organização da Unidade Africana), UNESCO, etc., além de ser oficial em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine Bissau, Moçambique e S. Tome e Príncipe e na Galiza cooficial com o Castelhana.

As "Bases Analíticas da Ortografia Simplificada" do Encontro da Unificação do Rio, como seu nome indica, simplificam unificam as ortografias até agora existentes no âmbito da lusofonia; permanecerão os sotaques e inclusive modismos e peculiaridades das diferentes realizações do Sistema Linguístico Comum, Galaicolusobrasileiro e africano de expressão portuguesa; mas a escrita será uma só, única. Com neologismos, galicismos, anglicismos, etc., aceites na língua comum, não de conviver africanismos, brasileirismos, galeguismos e nesse fim não de trabalhar todos os países em causa.

As "Bases da Ortografia Simplificada" ou "Acordo Ortográfico" beneficia a todos os países lusofonos, pois constitui uma norma unificada, simplificativa da segunda língua romanica mais importante do mundo, na Galecia nascida e depois espalhada pela ação dos portugueses por todo o planeta, cujos utentes ultrapassarão os 210 milhões de pessoas no ano 2000. Esta escrita simplificada permite o acesso à informática, novas tecnologias e industria modernas, pois conseguiu-se a simplificação dos excessivos acentos, eliminou-se o hifen quando desnecessario, procurando-se a homofonia de algumas consoantes e a supressão facultativa, em muitos casos, das sequencias consonanticas de grupo de origem culta; regulamentaram-se as vogais atonas e as nasais em prol de uma maior economia na escrita, adaptando-se assim a língua às novas necessidades da atual sociedade, seguindo os criterios de uma língua padrão culta internacional e transcontinental que suporta diferentes Sistemas Culturais na Europa (Galiza e Portugal), na America Latina (Brasil), e em Africa (Angola, Cabo Verde, Guine Bissau, São Tome e Príncipe, Moçambique) além de noutros locais da Asia.

A língua propria da Galiza, como variante ou realização do Sistema, foi tratada, como variante, em pé de igualdade com as variantes portuguesa e brasileira e de intervirmos previa adesão ao Protocolo do Encontro da Unificação por via parlamentar e através do Governo Central (que é o que tem as competencias em assuntos internacionais) na redação do Vocabulário Comum e

nos restantes projectos derivados do Encontro (Conselho Internacional da Lingua, Banco de Dados Lexicograficos Internacional Computarizado, Vocabularios Comuns, Uniformização das Linguagens Cientificas, Tecnicas e Comerciais, etc.), o projecto que desejava Castelão e que tão reiteradamente cita no *Sempre em Galiza*, de que "Galego e Português se acerquem e confundam numa só lingua escrita" tem atingido o mais pleno sucesso num prazo de dous anos, a partir de 1988. O Vocabulario estaria redactado para 1989, segundo o Protocolo do Encontro de Unificação da Lingua, A Galiza ficará fora, se não adere pronto ao Acordo Ortografico do Rio de Janeiro, destes projectos.

Assim Galiza deveria estar presente quanto antes nos projectos que se estabelecerão uma vez entre em vigor o Acordo Ortografico em todos os paises lusofonos e poderá intervir desde em aspectos relacionados com a nomenclatura gramatical para unificar os textos no mundo galaicolusobrasileiro e africano do ensino e cultura geral até na padronização da lingua culta, cientifica e tecnica, importantissima no relacionamento economico, comercial e industrial de hoje, na diplomacia, editoriação, informatica, entronque das tecnicas de ponta e novas tecnologias, etc.; usos em organismos internacionais, e unificação terminologica interna e politica linguistica comunitaria, etc. foram tambem objectos do Encontro.

Ficou evidenciado no Encontro da Unificação do Rio de Janeiro que se tratava da unificação ortografica e nunca da unificação linguistica ou de outra noção que a encobra, polo que as diferentes realizações do Sistema manterão suas características especificas, unificando-se mais do que outra cousa uma "lingua culta padrão" para todo o espaço cultural e linguistico galaicolusobrasileiro e africano; e que os Parlamentos dos paises em causa hão de debater a unificação da escrita a fim de ratificar o Acordo Ortografico, processo já avançado em muitos paises lusofonos que o debaterão em Março proximo e que na Galiza está pendente de decisão polo Parlamento Galego e depois polo Parlamento Espanhol, a solicitude daquele ou dos Governos Galego e Central. Polo tanto, no nosso caso, o processo é duplo e mais complexo, embora o Governo Central tenha manifestado atraves do Ministro de Negocios Estrangeiros, em carta ao Presidente das Irmandades da Fala, que não teria inconveniente em aderir ao Acordo, se o solicita a Junta da Galiza e a Delegação do Governo Espanhol no nosso pais, que representa casualmente o Presidente da Real Academia Galega Dr. Garcia Sabell. Tambem ficou esclarecido no Encontro de Unificação que às insuficiencias ou deficiencias que possa haver no texto das Bases da Ortografia Simplificada serão revistas em periodos decenais e que qualquer tentativa de modificação implica negociações entre as partes, assim como que qualquer pais pode aderir em qualquer momento ao Acordo Ortografico.

Se Galiza adere ao Acordo, como esperamos, as palavras de Castelão podem ter sentido quando afirma "Nenhum galego culto deve consentir que a lingua do seu Povo -uma lingua de principes que ainda é senhora em Portugal e no Brasil- seja escrava no proprio lar". E dizemos tal cousa porque as Leis Fundamentais têm hoje à Galiza como uma Nacionalidade historica cuya lingua propria, e galegoportuguesa é cooficial com a castelhana, e portanto com os

mesmos direitos de uso publico e privado (embora o Tribunal Constitucional fale de que em quanto a deveres não tenham o mesmo rango, interpretação torticeira que nada tem a ver com os direitos proclamados pola propria Constituição e Estatuto).

De outro lado, no Encontro de Unificação percebeu-se que a lingua comum não é hoje patrimonio exclusivo dos Galegos, Portugueses, Brasileiros e Africanos de Lingua oficial portuguesa, senão que a lingua comum, originariamente galaicoportuguesa e hoje espalhada por todo o planeta, é patrimonio de toda a lusofonia e de toda a Humanidade. A comunidade científica internacional de toda a lusofonia, reunida no Rio de Janeiro, assim o compreendeu e por isso foi possivel a unificação ortografica e a simplificação da nossa escrita.

Temos portanto que os ideais de Castelão foram aceites no Encontro de Unificação Ortografica do Rio de Janeiro por todos os que somos utentes de uma mesma lingua e que a simplificação/unificação ortografica conseguida no Brasil, na Academia Brasileira de Letras, por todos os galaicolosbrasileiros e africanos não afectará aos linguajares e diferentes focos ortofonicos de pronuncia da nossa lingua nos ambitos geograficos respectivos, ficando garantido ainda que as variantes locais e os traços topicos ou localistas lexicais da lingua de cada Nacionalidade serão respeitados nos Vocabularios Comuns que se façam no futuro, a partir da entrada em vigor do Acordo Ortografico. Não por adoptarmos a ortografia unificada e simplificada vamos os Galegos, Portugueses, Brasileiros e Africanos a mudar de maneira de falar.

A Ortografia das Bases Analíticas e Simplificadas intenta ser o mais possivel supratopica, supranacional ou supraregional, como corresponde a uma lingua de cultura e internacional, mas sempre respeitando a historia grafematica da lingua, o genio originario do nosso romance e sua unidade estrutural, tanto numa dimensão sincronica quanto diacronica.

Temos para nós, pois, que o desejo de Castelão foi cumprido no Rio de Janeiro, no ano do centenário do seu nascimento, no ano do nascimento de Viqueira e de Cuevilhas, ilustres vultos também lutadores da reintegração lusogalaica e do mundo galaicolusofono.

Mas, para Castelão, a problemática da lingua galegoportuguesa e sua unificação não estava desligada de outros projetos politico-culturais como a reintegração federalista da Galiza e Portugal e o iberismo peninsular ou a união europeia. Vejamos como o suporte linguístico vai permitir a Castelão avançar hipóteses de trabalho para construir um espaço integrado iberico, e europeu desde a reintegração lusogalaica.

3. O projecto iberico e europeu e o mundo lusiada em Castelão

Castelão já nas Cortes Republicanas, com motivo da discussão do artigo 4 da Constituição, ia plantear o seu pensamento sobre o papel de Portugal numa concepção iberista que procede de Pondal, das "Irmandades da Fala" e de J.V.

Viqueira e Antão Vilar Ponte e assim no discurso parlamentar de 18 de Setembro de 1931 chega a dizer: "Eu vi em Amberes a Vandervelde ao frente de uma imponente manifestação que, entre outras cousas, reclamava a oficialidade da Lingua Materna quando falavam de maior capacitação para governar. E há quem quer negar a importancia do nosso idioma! Mas é necessario dizer que é o ultimo elo que une a Espanha com Portugal; porque, amigos e irmãos, é necessario pensar em Portugal. Fala-se muitas vezes de uma Confederação iberica como uma formosa ilusão; mas é necessario dizer-vos que não há mais que uma porta por onde a Espanha possa comunicar com Portugal; essa porta é a Galiza e os Galegos temos a unica chave dessa porta, que é o idioma".

Alem disso, já em 1937, Castelão vai insistir no tema aludindo à necessidade da reforma da estrutura juridica da Espanha, da regeneração da familia hispanica e do federalismo iberista. Em *Sempre em Galiza* afirma Castelão: "Catalunha, Euskadi e a Galiza têm a missão de transformar a estrutura juridica da Espanha; mas a Galiza tem, alem disso, outra missão trascendente: a de atrair Portugal à comunidade da grande familia hispanica. Claro é que seria inutil pensar numa Confederação dos dous Estados peninsulares antes de que o respeito aos Estatutos autonomicos esteja rigorosamente garantido por uma abolição real do espirito assimilista do Centro. Então a nossa Terra poderia desempenhar um rol conciliador entre Portugal e Castela. Não esqueçamos que a Galiza tem as chaves da unica porta que pode comunicar os dous espiritos e quiça os dous interesses. Galiza é a chave de toda regeneração hispana. Velai outro motivo que nos obriga a ser federalistas" (SEG, *op. cit.*, 90).

E ainda vai adir Castelão: "Se Portugal se federasse com a Espanha, os Galeguistas veriamos cumprida uma parte dos nossos anseios, porque desapareceria o tabique que separa em dous estancos a nossa cultura, e porque a entrada dos portugueses originaria uma forte opposição à hegemonia dos castelhanos" (*ibid.*, 214, 215).

Castelão é consciente da unidade etnografica, antropologica, cultural e linguistica da Galiza e Portugal, tanto numa dimensão historica como na de seu tempo e assim chega a dizer: "Os Galeguistas arelamos que Portugal se confederasse com a Espanha e reestabelecermos os vinculos culturais da nossa antiga comunidade, da nossa velha nação. Embafou-se o perfil das nossas arelas, mas ainda é doado crer que polas mudanças do mundo se restaure a unidade galaica, senão na integridade da provincia romana ou do reino suevo, polo menos na do periodo cultural que na esfera da critica literaria se vem chamando "galaicoportuguês" (SEG, 227). Isto o afirma Castelão em 1940 e tres anos mais tarde, em 1943, afirma mais sua decisão iberista ao dizer: "Aos Galeguistas sempre se nos incitou a que falassemos claro, pensando que agachavamos algum proposito inconfesavel para predispor contra nós aos detentadores do patriotismo espanhol. Que não falamos claro? Pois bem; os Galeguistas dizemos que no entanto na Espanha não se possa estabelecer uma paz permanente defenderemos a independencia de Portugal, e se os espanhóis não querem atender as nossas demandas é possivel que se acabe, por fim, a indecisão amorosa da Galiza entre

Portugal e Castela... Os Galeguistas temos já ganas de dizer-lhe ao "Olimpo" espanhol, remedando ao antigo trovador João Airas:

"Se a justiça não me val
ante Rei tão justiceiro
ir-ei-me ao de Portugal" (SEG, 362).

O testamento político de Castelão ou "biblia do galeguismo", como se deu em chamar ao *Sempre em Galiza*, acaba precisamente e não por acaso com uma mostra do iberismo e do europeísmo de Castelão, dentro de uma projeção universal, como corresponde a um pensamento autenticamente galaicolusiada.

Castelão acaba assim o seu livro mais fundamental, desde o ponto de vista ideológico e humano: "Sim, custa muito crer que os males políticos da Espanha tenham remédio. Mas nós somos Galegos, gente prudente e de bom senso, liberal e pacifista, entusiasta até ao lirismo, certa de que "a luz virá para a caduca Iberia dos filhos de Breogam". Não temos nenhuma fe nos espanhóis, mas temo-la em nós próprios e nas ideias que profesamos. Estas ideias podem concretizar-se nos quatro princípios seguintes: a) Autonomia integral da Galiza para se federar com os demais Povos da Espanha; b) República Federal espanhola para confederar-se com Portugal; c) Confederação iberica para ingressar na União Europeia; d) Estados Unidos da Europa para constituir a União Mundial (SEG, 1947).

Castelão, pois, ia escrever estas últimas frases do seu livro apenas uns anos antes de morrer no exílio; seu pensamento finaliza com um desejo eminentemente lusiada, o da projeção universal e transcontinental, planetaria, que é comum a todos os lusofonos que hoje estão espalhados por todos os continentes. A fundamentação, como vimos em seu momento, do pensamento galaicolusiada de Castelão deriva de uma missão que atribue à Galiza, sua língua e cultura, dentro do contexto peninsular e do mundo lusofono, no âmbito do espaço geográfico e linguístico que abrange a lusofonia toda mas também sem limites de caráter linguístico-cultural, em projeção sobre a Europa e o Mundo. Lusismo, iberismo, europeísmo e universalismo são características essenciais do pensamento de Castelão, que ele recolhe das "Irmandades da Fala" e seus predecessores e que hoje temos a honra de continuarmos os reintegracionistas das "Irmandades da Fala da Galiza e Portugal", da "Associação de Amizade Galiza-Portugal", das "Jornadas do Ensino da Galiza e Portugal", da "Associação Sociopedagógica Galaícoportuguesa" ou as publicações *O Ensino*, Revista internacional galaícoportuguesa de sociopedagogia e sociolinguista, *Temas do Ensino* de Literatura, Linguística e Sociolinguística galaícosobrasileira e africana de expressão portuguesa, *Cadernos do Povo* das Irmandades da Fala e a revista *NOS*, entre outras publicações.

O discurso da lusofonia, implícito em toda a obra de Castelão, incluso nos seus desenhos, como aquele de "E logo os da beira de lá são mais estrangeiros dos que os de Madrid?", e nas citações que vimos de fazer, demonstram que é necessário continuarmos seu trabalho sob o seu pensamento, muitas vezes altamente esclarecedor ainda para problemas do nosso tempo.

Castelão, o autor da frase já famosa, "A nossa língua floresce em Portugal", poderia afirmar agora, com o Acordo Ortográfico do Rio de Janeiro, que abrange todo o mundo lusiada, "A nossa língua floresce em todo o mundo".

A língua era para o escritor Miguel de Unamuno "O sangue do meu espírito e a minha patria lá onde ressoa" e para Fernando Pessoa (atraves de um heteronimo bem conhecido, no *Livro do Desassossego*; Bernardo Soares): "Minha patria é a língua portuguesa". Nós, "Terra Mãe e berço da língua", temos que assumir desde este Congresso a nossa responsabilidade na reintegração necessaria da nossa língua ao espaço linguístico e cultural a que pertence, o da lusofonia, pensando que o Acordo Ortográfico, como diria o poeta Pablo Neruda, não é:

"Tumba, sepulcro, feretro
tumulo, mausoleo,
senão preservação, fogo escondido,
plantação de rubis,
perpetuidade vivente
da essencia,
celeiro do idioma!"

O que quer dizer tanto como "razão de ser" de uma muito importante parte da Humanidade, que somos os galaicolusofonos.

Castelão, o grande Castelão, desde o dia 12 de Maio de 1986, no ano do Centenario do seu nascimento, em que se assina o Acordo Ortográfico (em que a Galiza intervem) através do "olho de vidro da esperança" certamente estará a ver a "alba de gloria" da língua, na sua Terra nascida e polo mundo felizmente espalhada, pola acção de Galegos, Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua oficial Portuguesa. O grande Castelão, desde esse dia, olha para a sua Terra com esperança renovada na língua que ele e todos os lusofonos nos orgulhamos em falar.

Bibliografia consultada e/ou de referencia

- Castelão: *Sempre em Galiza*, Edição de 1944, 1961, 1974. Edição castelhana, de Buenos Aires, 1971.
- Gutiérrez, E.: Introdução ao *Sempre em Galiza*, O Castro, 1986.
- Míguez, A.: *El pensamiento político de Castelão (Bilingue)*, Ed. Ruedo Iberico, 1965. Portugal, 1975, Ed. Nova Galiza.
- Paz Andrade, Valentim: *Castelão na luz e na sombra*, O Castro, 1982.
- Palmas, R.: *Prosa do exilio*, Montevideo, 1976.
- Garcia, X.L.: *Discursos parlamentarios*, O Castro, 19.
- A Nossa Terra*, edição original com motivo da morte de Castelão, Buenos Aires. Edição facsimilar em 1983 (varios autores).
- A Nossa Terra, Castelão e Boveda irmãos!*, 1986 (varios autores).
- Irmandades da Fala: *Vocabulario Castellano-Gallego*, Moret, 1933.

- : *Prontuario da Lingua galegoportuguesa*, 1984.
- Temas de *O Ensino de Linguística e Sociolinguística Galaicoportuguesa (Reintegracionismo e conflito linguístico na Galiza)*, volume 1, 1985.
- Temas de *O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura galaicolusobrasileira e africana de expressão portuguesa*, volume 2, 1986.
- O tempo e o modo*, Revista Nacionalista Galega de Política, Economia e Ciências Sociais, 1982.
- O Ensino*, Revista Internacional galaicoportuguesa de sociopedagogia e sociolinguística, num. 14, 15, 16, 17, 1986.
- O Ensino*, Revista Internacional... em homenagem a Carvalho Calero, num. 18, 19, 20, 21, 1986 (Em impressão).
- NOS*: Revista Internacional galaicoportuguesa de cultura, num. 1, 2, 3.
- ICALP*: Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Julho, num. 5, 1986.
- ASPG*: *Observações sobre as normas ortográficas e morfológicas do Instituto da Língua Galega*, Real Academia Galega, 1982.
- : *Orientações para a escrita da nossa língua*, 1982.
- ASPGP*: *Pequeno prontuario da língua galego-portuguesa das Irmandades da Fala*, 1984.
- Bases da Ortografia Simplificada para a língua da Galiza, Portugal, Brasil e países africanos de língua oficial portuguesa*, 1986 (4ª edição).
- Comissão Lusogalaica comemorativa do centenario de Castelão/Prieto Lamela*, "Castelão e a língua galega", 1986.
- Correio do Minho*, "Suplemento Castelão", Braga, 1986.
- A Peneira, Pontearreas*, "Especial Castelão", 1986.
- Varios autores galegos e portugueses (Mimeografado), *Homenagem a Castelão na Casa dos Crivos*, Braga, 1986.
- Varios autores galegos e portugueses (Mimeografado), *Homenagem a Castelão em Vila Nova de Cerveira*, 1986.
- Varios autores galegos e portugueses (Mimeografado), Mesa redonda homenagem a Castelão, *Jornadas do Ensino da Galiza e Portugal*, Ourense, 1986.
- Comentarios ao "Acordo Ortografico", Varios autores, *Cadernos do Povo de Literatura e Ensaio*, 1986 (Em impressão).
- NOS*: Revista internacional de cultura, sobre o Acordo Ortografico (Em impressão). Varios autores.
- Vilar Ponte, A.: *Pensamento e sementeira*, B. Aires, 1971.
- Viqueira, J.V.: *Ensaio e poesias*, Galaxia, Vigo, 1974.